



“Que diabos Laura Pausini tem a ver com Lady Gaga ou Madonna?”: letramento digital em uma comunidade de fãs

Victor Brandão Schultz¹
UFRJ

Resumo: Diante da ubiquidade dos meios digitais, como a Internet, e de sua relação de mútua implicação entre a tecnologia e a sociedade, é importante o estudo dos usos que se fazem dessas tecnologias. Na área da Linguística Aplicada, isso pode corresponder a estudar as práticas de letramento digital nas quais os indivíduos se engajam. Muitas dessas práticas estão relacionadas à chamada cultura popular, que influencia a relação dos participantes com o letramento e molda performances identitárias. Considerando esse cenário, o objetivo deste trabalho é criar inteligibilidade sobre a prática de letramento de uma comunidade de fãs da cantora Laura Pausini no site de relacionamento Orkut. Deseja-se, observando os jogos interacionais desenvolvidos pelos participantes, compreender o que conta como letramento nesse contexto. O trabalho é orientado por uma visão dos letramentos como práticas sociais. Como instrumental analítico, adotam-se as noções de domínio e estruturas de participação. Os resultados mostram como os participantes se envolvem na definição do que pode ser dito nessa comunidade e de que forma. Assim, definem o que conta como letramento nessa comunidade de prática.

Palavras-chave: letramento digital, comunidades de fãs, inteligência coletiva.

Abstract: Given the ubiquity of digital media, such as the Internet, and their relationship of mutual implication with society, it is important to study the ways in which such technologies are used. In the field of Applied Linguistics, this may entail studying the digital literacy practices in which individuals engage. Many of these are related to the so-called popular culture, which influences participants' relationship with literacy and shapes identity performances. In light of this scenario, this paper aims to create intelligibility about the literacy practice in an online community of fans of the singer Laura Pausini on the social network Orkut. By observing the interactional games played by the participants, I wish to understand what is accepted as literacy in this context. The study is based on a view of literacies as social practices. The analytical tools adopted are the notions of dominance and participation frameworks. The results show how the participants become engaged in the definition of what can be said in this community and how. This way, they define what is acceptable as literacy in this community of practice.

Keywords: digital literacy, fandom, collective intelligence.

¹ victor.schultz@yahoo.com



1. Introdução

Vivemos em um período de aceleradas mudanças em diversas esferas da sociedade, uma das quais é a tecnologia e os usos que dela se fazem. Escrevendo há cerca de uma década, Castells (2000) já descrevia um intenso desenvolvimento das tecnologias de comunicação digitais, promovendo rápidas interações globais e a organização da sociedade em redes interativas. O autor defende que não vivemos mais o período capitalista tradicional, mas a era do *informacionalismo*. Assim escreve o estudioso:

No novo modelo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. [...] O que é específico ao modo informacional de desenvolvimento é a ação de conhecimentos sobre os próprios conhecimentos como principal fonte de produtividade. (p. 35)

Na esfera cultural, observa-se o que Jenkins (2008) denomina *cultura da convergência*. Um aspecto dessa cultura é que “um único meio físico [...] pode transportar serviços que no passado eram oferecidos separadamente” (p. 35): por meio de um celular, por exemplo, hoje é possível acessar *e-mails*, assistir a vídeos, navegar na Internet e jogar. Segundo o autor, não devemos, porém, deixar-nos enganar pela “Falácia da Caixa Preta” (p. 40), que é a ideia de que um único aparelho substituirá todos os outros. Na verdade, outro aspecto da cultura da convergência é que diferentes meios convergem para os mesmos conteúdos. É o caso, por exemplo, de um filme que conta com um *site* de divulgação, curtas-metragens exibidos na televisão, jogos de *videogame* e utilitários para celular.

No entanto, a sociedade informacional não é homogênea. Na verdade, diferentes sociedades se encontram em estágios distintos em relação ao informacionalismo, e este não as torna homogêneas (CASTELLS, 2000; JENKINS, 2008). No entanto, não se pode negar que todas as sociedades (bem como os segmentos de cada sociedade) são afetados, direta ou indiretamente, pelo informacionalismo (CASTELLS, 2000): como argumenta Jenkins (2008), aqueles que não dialogam com a cultura digital que vem se consolidando são excluídos de uma parte significativa das trocas que hoje ocorrem no globo, de modo que se criam e agravam desigualdades.

Cabe, então, um questionamento acerca da relação entre tecnologia e sociedade. Castells (2000) defende que há uma relação de mútua implicação entre elas. Segundo o autor,



a sociedade não pode ditar o desenvolvimento tecnológico (que por vezes ocorre de forma imprevisível e mesmo acidental), mas apenas utilizá-lo; da mesma forma, a tecnologia não determina o desenvolvimento da sociedade, mas o incorpora, isto é, tem seu uso disseminado pela sociedade até que dela se torna indissociável.

O fato é que a tecnologia não é um mero conjunto de técnicas, mas algo produtivo, que contribui para o engendramento de certos comportamentos na sociedade e, por vezes, traz consequências involuntárias (CASTELLS, 2000). A convergência, então, não é uma questão apenas das capacidades dos aparelhos eletrônicos contemporâneos; é, ao contrário, uma transformação cultural, ainda que apoiada em tais capacidades (JENKINS, 2008). Entendo que, entre as transformações aludidas pelos teóricos citados, estão novas formas de construir sentidos, ou seja, novos letramentos.

Diante desse cenário, este trabalho se propõe a apresentar uma breve análise das práticas de letramento que ocorrem em uma comunidade de fãs da cantora Laura Pausini no *site* de relacionamento *Orkut*. Meu objetivo é, a partir dos jogos interacionais nas discussões entre os participantes, observar o que conta como letramento nesse grupo. Espero, dessa forma, contribuir para criação de inteligibilidade acerca dos processos sociais em curso, uma questão crucial para a Linguística Aplicada. Para tal, primeiramente apresento o referencial teórico que embasa o trabalho; depois, nas seções 3 e 4, exponho o contexto e a metodologia de pesquisa; a análise dos dados é empreendida na seção 5, seguida de minhas considerações finais.

2. Fundamentação teórica

2.1. Letramentos como práticas sociais

Entender os letramentos como práticas sociais significa vê-los não apenas como atos cognitivos, mas acima de tudo como algo de natureza social, como sugerem os chamados “novos estudos do letramento” (DOBSON e WILLINSKY, 2009, p. 297). Orientados por esse paradigma, podemos definir os letramentos como “formas socialmente reconhecidas de gerar, comunicar e negociar conteúdo significativo por meio de textos codificados no interior de contextos de participação em Discursos” (LANKSHEAR e KNOBEL, 2007, p. 64). Tal definição



tem implicações importantes. A primeira diz respeito ao conceito de “Discurso”: este, como explicam os autores, foi desenvolvido por James Gee e é grafado com <d> maiúsculo; refere-se aos usos da linguagem socialmente proeminentes que instituem formas de pensar, sentir, agir etc., como o Discurso acadêmico e o Discurso religioso. Isso significa que as pessoas se engajam em práticas de letramento não como indivíduos autônomos, mas como seres históricos, situados, imersos em um contexto social específico. É nesse sentido que se fala em “formas socialmente construídas”: nossas práticas de negociação de significado são aprendidas no interior de um contexto particular, que as influencia ao mesmo tempo em que é influenciado — ou seja, reforçado ou redescrito — por elas.

Outro desdobramento é que, se os significados são gerados, comunicados e negociados de forma socialmente construída no interior de Discursos, eles não são universalmente significativos. Eles se tornam significativos em determinados grupos de acordo com o repertório desses. Assim, é preciso analisar *o que conta como letramento* em determinado grupo específico, situado.

Em uma dada sociedade — e entre diferentes sociedades —, há uma gama de práticas de construção de significado muito distintas; isso ocorre por diversos fatores, como tecnologias sistemas semióticos. É por isso que Barton e Hamilton (1998, p. 9) afirmam que “há diferentes letramentos associados a domínios da vida distintos”. Em outras palavras, quando muda a prática social de construção de significado, muda o letramento, de modo que cabe falar em “letramentos”, no plural.

2.2. Letramentos digitais

Lankshear (1997, *apud* Dobson e Willinsky, 2009, p. 298) define “letramentos digitais” da seguinte forma:

práticas sociais em que textos [...] são construídos, transformados, transmitidos, recebidos, modificados, compartilhados (ou utilizados de outra forma) em processos que empregam códigos que são digitalizados eletronicamente.



Em relação ao *hipertexto*, nome atribuído aos textos usados nos eventos de letramento digital, Lévy ([1997] 2000) e Soares (2002) afirmam que, além de ser multimodal, é “constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, seqüências musicais etc.) e por links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, ‘botões’ indicando a passagem de um nó a outro” (LÉVY, [1997] 2000, p. 56), sendo potencialmente infinito. Assim, não apresenta uma ordem canônica de leitura, uma vez que cabe ao leitor criar seu próprio texto na medida em que deve selecionar por quais *links* transitar.

No entanto, é preciso lançar um olhar crítico sobre a “inovação” na qual o hipertexto consistiria. Há hoje uma infinidade de textos impressos multimodais, como em jornais e revistas. Além disso, os textos acadêmicos costumam apresentar uma série de notas de rodapé e referências bibliográficas, de modo que, como no caso do hipertexto, cabe ao leitor traçar sua rota de leitura, que se torna potencialmente infinita na medida em que uma referência em um texto pode levar a outro, que também apresentará referências e assim sucessivamente. Fica claro, então, que, assim como há uma continuidade entre as “novas” e as “velhas” tecnologias, essa existe também entre os letramentos impressos e os chamados “novos” letramentos (DOBSON e WILLINSKY, 2009). O que o hipertexto tem de particular, então, não são características propriamente inovadoras, mas uma exacerbação de aspectos que já existiam em alguma medida nos textos impressos, o que traz consequências para as práticas de leitura e escrita¹. Além disso, o uso feito dos textos digitais muitas vezes não difere muito daquele que se faz de textos impressos: muitos usuários da Internet apenas leem notícias sem acessar nenhum *link* nelas contido, ou seja, faz uma leitura muito semelhante à que faria se tal notícia estivesse em um jornal impresso. Cabe questionar, então, o que há de novo nos chamados “novos” letramentos, como muitas vez são chamados os letramentos digitais.

Antes de tudo, é preciso ter em mente que, embora seja frequente a expressão “letramento digital”, na verdade há *letramentos digitais* muito diferentes, uma vez que as pessoas interagem com os textos de maneira distinta com base em repertórios muito diferentes (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008). Torna-se útil, então, a noção de *mindset*:

A ideia de *mindset* geralmente se refere a um ponto de vista, perspectiva ou estrutura de referência através da qual indivíduos ou grupos de pessoas experimentam o mundo, interpretam ou produzem sentido a partir do que encontram e respondem ao que experimentam. Os *mindsets* podem ser descritos como conjuntos de suposições, crenças, valores e modos de fazer as coisas que nos orientam para o que



experimentamos e nos inclinam a entender e reagir de algumas formas mais do que outras. (LANKSHEAR e KNOBEL, 2007a, p. 31)

Nota-se na definição de Lankshear e Knobel que, apesar de conter “*mind*” (em inglês, “mente”) em sua morfologia, os *mindsets* não são meros aparatos cognitivos; são, acima de tudo, sociais, visto que são formados conforme os sujeitos interagem uns com os outros no mundo social. Os autores também esclarecem que os *mindsets* não são fixos; são, contrário, fluidos, mutáveis, dinâmicos, uma vez que são construídos socialmente e sempre há a possibilidade de os indivíduos se engajarem em novas práticas sociais². Sendo os *mindsets* adquiridos socialmente, de forma situada, torna-se evidente que mudanças históricas significativas podem fazer emergirem novos *mindsets*; estes, por sua vez, dão origem a novos letramentos. Para compreender os letramentos digitais, é preciso refletir sobre os *mindsets* a partir dos quais os indivíduos se engajam neles.

Lankshear e Knobel (2007) distinguem dois *mindsets* que coexistem na contemporaneidade. O primeiro “entende que o mundo contemporâneo está essencialmente como tem sido ao longo do período moderno-industrial, porém agora mais tecnologizado, ou então tecnologizado de uma forma nova e muito sofisticada” (LANKSHEAR e KNOBEL, 2007, p. 33-34).

Já o segundo *mindset* compreende que há no mundo crescentes diferenças em relação ao passado, resultantes do fato de “as pessoas imaginarem e explorarem como o uso das novas tecnologias pode se tornar parte do processo de transformar o mundo em algo (mais) diferente de como ele atualmente é”. O *mindset 2* pressupõe que as formas tradicionais de ver o mundo e agir nele e sobre ele não são adequadas ao cenário contemporâneo, já tão diverso do passado. Os textos, por exemplo, são agora vistos não como produtos, mas como processos. Os usos das tecnologias digitais característicos desse *mindset* são baseados não em grandes quantidades de conhecimento enciclopédico dos especialistas, mas na inteligência coletiva: ninguém “detém” o conhecimento sozinho; este é construído no, pelo e para o grupo. A autoridade do “especialista” é, desse modo, distribuída; é algo coletivo disperso na comunidade.

No que diz respeito à tecnologia digital, o *mindset 2* corresponde à chamada *Web 2.0*. Esse termo, cunhado por Tim O’Reilly na década de 2000, refere-se a “um conjunto de tecnologias destinadas a dotar o usuário de um maior protagonismo na [Internet]. A Web 2.0 é um modo de conceber a internet em que o essencial são as conexões entre os usuários” (ACÍN,



2006, *apud* ARRIAZU et al., 2008, p. 216). Como explicam Arriazu et al. (2008), o elemento central da Web 2.0, como indica a própria definição dessa, é o papel do usuário. Na Web 2.0, desfaz-se a distinção entre produtores e consumidores. Surge, então, a noção do *prosumer* (junção das palavras inglesas *producer* — produtor — e *consumer* — consumidor). O princípio é que os usuários não apenas consumam o conteúdo produzido por uma instituição, por especialistas ou por seus pares, mas que, além disso, também produzam conteúdo eles mesmos. Esse novo usuário tem, então, um papel central, pois é corresponsável pelo desenvolvimento da inteligência coletiva. Os dispositivos caracterizados como Web 2.0 são justamente aqueles que pressupõem esse novo tipo de usuário.

Davies e Merchant (2009, p. 5) fazem uma boa síntese da Web 2.0 ao postularem como suas características centrais *presença, modificação, conteúdo gerado pelo usuário e participação social*. A primeira se refere a não apenas acessar determinado conteúdo de forma esporádica, mas a *participar* regularmente de uma comunidade, mantendo uma identidade ali e nela contribuindo periodicamente. Essa contribuição regular é o *conteúdo gerado pelo usuário*, da qual depende a inteligência coletiva; esse aspecto configura uma mudança na relação com o conhecimento (LÉVY, [1997] 2000; DOBSON e WILLINSKY, 2009), que descrevi ao abordar o *mindset 2*. *Modificação* se refere tanto à alteração do conteúdo gerado por outros usuários quanto a um alto grau de personalização permitido pelas plataformas Web 2.0.

Neste ponto, cabe retomar a pergunta que gerou a discussão sobre os *mindsets* em competição e a Web 2.0: o que são os “novos” letramentos? Seguindo Lankshear e Knobel (2007), acredito que nem todos os letramentos digitais podem ser considerados “novos” letramentos. Esses autores defendem que, para que um letramento seja considerado “novo”, ele deve não apenas ser novo em termos da tecnologia na qual se apoia, mas também em termos de *ethos*. Em outras palavras, os “novos” letramentos são aqueles ocorridos na Web 2.0 cujas práticas se orientam pelo segundo *mindset*.

Um exemplo de plataforma Web 2.0 são as redes sociais, como *Orkut*, *Facebook* e *Twitter*, que adquiriram grande popularidade e atualmente vêm se multiplicando (KNOBEL e LANKSHEAR, 2008). Os eventos de letramento cuja análise apresentarei neste trabalho ocorreram em uma comunidade na rede social *Orkut*. Quando escrevi “comunidade”, estava utilizando a denominação presente no próprio *Orkut*. Convém, então, antes de descrever o contexto específico de pesquisa, tentar compreender de que forma a “comunidade” estudada



se relaciona a concepções teóricas sobre comunidades. Portanto, apresento na seção a seguir algumas observações de ordem teórica sobre diferentes tipos de comunidade; essa teorização me auxiliará posteriormente a fazer sentido do meu contexto de pesquisa.

2.3. Comunidades

A primeira perspectiva sobre as comunidades que discuto é a distinção feita por Wertsch (1998) entre *comunidades implícitas* e *comunidades imaginárias*. Uma *comunidade implícita* é “um grupo de indivíduos que usam um conjunto comum de ferramentas culturais, embora possam não ter consciência desse fato e não fazer qualquer esforço para criar ou reproduzir sua coletividade” (p. 2). O autor exemplifica dizendo que os usuários de um programa de computador para a edição de textos constituem uma comunidade implícita, mesmo que não conheçam uns aos outros. Do mesmo modo, formam uma comunidade implícita as pessoas que apreciam as músicas de determinado artista mas não se veem como parte de uma comunidade de admiradores.

Já em uma *comunidade imaginada*, além do uso de ferramentas culturais comuns, há “uma ênfase em reconhecer ou imaginar a coletividade e a criar ou reproduzir” (WETSCH, 1998, p. 3). Isso significa que, ao contrário das comunidades implícitas, as imaginadas são reconhecidas por seus membros — com efeito, muitas vezes sua unidade imaginada se naturaliza de modo que seus membros têm a sensação de fazer parte da comunidade devido a uma essência. Podemos exemplificar este conceito com um fã-club de um artista: os fãs não apenas compartilham o gosto por este, mas também se reconhecem como parte de um mesmo grupo, que buscam manter unido e, muitas vezes, ampliar com a entrada de novos fãs.

Outro conceito relevante é o de *comunidades de prática*, desenvolvido por Wenger (1998). Elas são constituídas por três características: *engajamento mútuo*, *iniciativa conjunta* e *repertório compartilhado* (em inglês, *mutual engagement*, *joint enterprise* e *shared repertoire*). O *engajamento mútuo*, ou seja, a coparticipação, é o que define o pertencimento (*membership*) à comunidade; não significa, contudo, que haja homogeneidade entre os membros. A *iniciativa conjunta*, por sua vez, é mais do que um objetivo declarado — na verdade, nem sempre todos os participantes têm consciência de qual é essa iniciativa. Ela consiste nos princípios norteadores da atividade que dão sentido ao engajamento mútuo e “cria[m] entre os participantes relações de responsabilidade mútua que se tornam parte



integrante da prática” (WENGER, 1998, p. 78). O autor acrescenta que “essas relações de responsabilidade incluem o que importa e o que não importa” (p. 81), isto é, *o que conta e o que não conta como letramento*. Finalmente, o *repertório compartilhado* consiste nos “elementos heterogêneos que recebem coerência do fato de serem todos parte da prática de uma comunidade em busca de uma iniciativa” (p. 82) e “combina elementos reificativos e participativos” (p. 83).

Observando a descrição de cada tipo de comunidade, podemos entender que as comunidades imaginadas são um tipo de comunidade de prática, ou pelo menos que há uma interseção entre as duas. Um grupo de fãs que participa regularmente de um fórum *online* sobre seu artista favorito, por exemplo, pode ser descrito como uma comunidade imaginada, pois o gosto pelo artista, ou seja, seu repertório ou ferramenta cultural comum faz com que se reconheçam como pertencentes a um grupo. Esse grupo também pode ser considerado uma comunidade de prática: a partir de um repertório comum (gosto pelo artista, conhecimento sobre este e sobre formas de interagir no fórum etc.), há engajamento mútuo (participação no fórum e estabelecimento de relações nele) orientado por uma iniciativa comum (relacionada à obtenção de notícias e material sobre o artista, oportunidade de conhecer novos fãs etc.).

Após esta breve discussão teórica sobre comunidades, apresento meu contexto de pesquisa e o instrumental analítico do qual farei uso para compreendê-lo.

3. Contexto de pesquisa

3.1. O site Orkut

A administração do Orkut o define como “uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante” (<<http://www.orkut.com.br/About.aspx>>, acessado em 22/08/10). Estima-se que essa rede de relacionamento conte com milhões de inscritos, e, segundo dados do próprio site (<<http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll.aspx>>, acessado em 22/08/10), 50,60% são brasileiros, 53,48% têm entre 18 e 25 anos de idade, e 44,04% têm “amigos” como um de seus interesses no *site*. Qualquer pessoa pode se cadastrar gratuitamente e se tornar membro do Orkut.



Um dos principais recursos do Orkut são as “comunidades”. Essas são fóruns de discussão organizados por assunto, que qualquer usuário pode criar; são exemplos de comunidades “Rio de Janeiro”, “Marisa Monte” e “Eu Falo Sozinho!”. Algumas comunidades são abertas a qualquer usuário do Orkut, enquanto outras só recebem novos participantes se seus donos os aceitarem. Todos os membros de uma comunidade podem iniciar novas discussões, denominadas “tópicos”³. Os leitores das discussões podem escrever mensagens para participar delas; estas passam, então, a aparecer na mesma página que a que deu origem à discussão, todas ordenadas por data, formando um único texto com múltiplos autores. É comum os participantes, em vez de dirigirem seu discurso a interlocutores específicos, dirigirem-no a todos os leitores do tópico; entretanto, há vários casos de mensagens dirigidas a usuários específicos.

Em todas as mensagens, vê-se o nome de seu autor. Ao clicar nesse nome, o leitor é levado à página pessoal do autor, denominada perfil. Isso não significa que não possa haver certo anonimato, já que é possível disponibilizar nomes e fotografias falsos; aqueles que o fazem são conhecidos como *fakes*. Os usuários podem, a qualquer momento, mudar seu nome, ou ainda excluir mensagens por eles escritas, o que, por vezes, dificulta a compreensão de parte de uma discussão.

O dono de uma comunidade pode escolher se seu conteúdo é aberto para todos os membros do Orkut ou se somente fica visível para os membros da comunidade. Durante a geração dos meus dados, o conteúdo da comunidade estava disponível para todos os usuários do Orkut; até o momento da escrita deste artigo, tal situação não mudou.

Procurarei, agora, descrever brevemente a comunidade da qual provêm os dados.

3.2. A comunidade

A comunidade estudada, intitulada “Laura Pausini”, tem por objetivo reunir admiradores e fãs da referida cantora. À época da geração dos dados, que ocorreu em agosto de 2010, contava com cerca de 57 mil membros, embora o número de membros ativos — isto é, que efetivamente participavam das discussões — fosse muito menor.

No que diz respeito ao conceito de comunidade, todos os membros são parte de uma comunidade imaginada ou implícita — a depender da relação de cada indivíduo com a cantora e seus fãs — de admiradores da cantora. Todavia, somente podem ser considerados membros



da *comunidade de prática* que se configura nesse espaço virtual os membros que efetivamente participam dela, isto é, aqueles que escrevem mensagens ou pelo menos as leem⁴. Doravante, sempre que me referir a essa “comunidade”, estarei me referindo à comunidade de prática estabelecida nesse ambiente virtual.

Passo, agora, à discussão do instrumental analítico utilizado na análise dos dados.

4. Instrumental analítico

Se, conforme explicado na seção 2.1, a participação pode cristalizar ou redescrever significados já reificados, a participação dos indivíduos em eventos de letramento pode tanto renovar quanto alterar as práticas ali presentes, inclusive o que conta como letramento. Considerando-se o poder não como inerente aos indivíduos e às relações mas como um conjunto de estratégias que perpassam todo o tecido social desde um nível capilar (FOUCAULT, [1979] 2007), torna-se evidente que é constitutivo também das práticas de letramento, fazendo-se presente na definição do que conta como letramento. É dessa forma que essa noção é relevante para o que me proponho a fazer na análise dos meus dados.

No entanto, Linell (1990) estabelece uma distinção entre “poder” (*power*) e “domínio” (*dominance*). O primeiro, apesar de suas consequências muito reais, é algo abstrato, não observável. Já o segundo é o que se pode analisar nas interações, que serve de mediador para o estudo do poder. O autor lista quatro tipos de domínio: *quantidade de fala* (predomínio quantitativo), *domínio semântico* (predomínio na introdução e na manutenção dos tópicos, bem como o controle da perspectiva a partir da qual esses são abordados), *domínio interacional* (relacionado a assimetrias na estrutura iniciação-resposta) e *domínio estratégico* (uso restrito da fala, empregada em momentos estratégicos). Em minha análise, não faço uso da categoria *quantidade de fala* porque, tratando-se de interações assíncronas, o tamanho das mensagens enviadas pelos interactantes não indica domínio.

O domínio semântico se divide em três tipos: *movimentos diretivos*, *movimentos de controle* e *movimentos inibidores*. Os *diretivos* são os que conduzem o interlocutor a responder de determinada forma; são as perguntas e os comandos. Os *movimentos de controle* “são usados para avaliar, ratificar ou desqualificar as contribuições do outro” (LINELL, 1990, p. 161). Por último, os *inibidores* são aqueles que podem inibir a continuidade da interação; é o caso dos movimentos de enquadramento — que indicam que a conversa está terminada — e dos



representantes declarativos — formas de apresentar a própria opinião como a única correta, inquestionavelmente.

Linell também apresenta quatro tipos de estrutura de participação em diálogos: *simétrica colaborativa*, *simétrica competitiva*, *assimétrica colaborativa* e *assimétrica competitiva*. As estruturas simétricas são aquelas em que os participantes desempenham papéis relativamente igualitários, enquanto as assimétricas são aquelas em que há desníveis significativos entre os participantes. As estruturas colaborativas se caracterizam por movimentos interacionais convergentes, enquanto as competitivas são aquelas nas quais há disputas a respeito dos significados coconstruídos.

Meu interesse final não é pelo domínio e pelas estruturas de participação em si, mas pelo que conta como letramento na comunidade estudada. No entanto, acredito que observar as formas como, ao interagir, os participantes exercem o domínio e coconstruem as estruturas de participação possibilita criar entendimento sobre o que tem valor de letramento nesse contexto.

5. Análise dos dados

Antes de iniciar a análise, devo esclarecer como os dados foram gerados. Por ser membro da comunidade estudada há anos, pude observar movimentos recorrentes em termos de tópicos e desenvolvimento destes. Fiz uso desse conhecimento êmico para selecionar discussões representativas dessas recorrências. Para analisá-las, submeti-me a um processo consciente de estranhamento das práticas que eram, em parte, automáticas ou “naturais” para mim, procurando analisá-las a partir da teorização que desenvolvi nas seções anteriores.

Embora o conteúdo publicado na comunidade pode ser acessado por qualquer pessoa, optei por alterar os nomes dos participantes neste estudo para reduzir sua exposição.

5.1. Discussão “CASOMAI- alguém tem a tradução aí??”

A primeira discussão que apresentarei tem por tópico central a tradução de uma música de Laura Pausini intitulada “Casomai”. Os trechos entre colchetes foram editados por mim; reticências entre colchetes indicam que um trecho foi omitido.



Sequência 1

[Antônio](#)

CASOMAI- alguém tem a tradução aí??

Pessoal, alguém tem a tradução de casomai?

[Edu](#)

[Tradução]

[Edu](#)

Então Beto, blz né? Vi diferença em duas ou três frases. Não se faz tradução ao pé da letra, por que se não, fica muita coisa sem sentido.

Então acontece que cada pessoa tem uma forma de sentir a frase em italiano e depois forma-la em português, tem seu vocabulário próprio, mesmo todos falando a mesma língua.

PS:Na frase CasoMai adesso Invece è distrutto - vc colocou o pior foi destruído, onde tem a palavra pior em italiano?

Entendeu? Tradução é assim, cada um coloca seu tom poético, rsrs.

Por isso aprendi italiano, na raça, sozinho, pra que eu pudesse sentir de uma maneira mais particular.

Abraço!

[Clara](#)

hm, eu também não gosto de tradução ao pé da letra porque tem coisa que não encaixa ou fica estranha... Expressões, palavras, enfim. Eu traduzi há um tempo, vou postar a minha também, ok?

[Tradução]

eu sei que *casomai*, traduzindo, não dá *dessa vez...* mas já que é expressão e não existe em português, acho que encaixa melhor do que *no caso...* :)

[Edu](#)

Clara No caso, é o que mais se aproxima de Casomai, fatto, mas gostei do seu jogo de palavras.

Tá massa tbm.

[...]

[Clara](#)

Ah, brigada gente! *-*

Na próxima versão em português da Laura vou me oferecer pra ajudar a Carolina rs

Após o pedido do usuário Antônio, o participante Edu publica a tradução requisitada. Depois, o usuário Beto⁵ publica uma nova tradução, o que caracteriza um movimento de



controle. Em seguida, o interactante Edu muda o rumo do tópico ao discutir questões relacionadas à prática tradutória. O viés temático apresentado por Edu adquire domínio semântico quando, no plano interacional, a usuária Clara faz uso de um movimento de controle que o ratifica (“eu também não gosto de tradução ao pé da letra”). Clara então anuncia que postará sua própria tradução. Após fazê-lo, a usuária se mostra consciente de que não traduziu literalmente a palavra “casomai”, justificando sua escolha; trata-se de um movimento inibidor, pois impede que seus interlocutores a questionem por isso. Em seguida, Edu usa um movimento de controle para avaliar positivamente a tradução de Clara (“gostei do seu jogo de palavras. Tá massa tbm”).

Nessa interação, eu gostaria de sublinhar a coconstrução de significado como parte do desenvolvimento de uma inteligência coletiva. Ao pedir a tradução de uma canção, Antônio está requisitando uma informação da qual não dispõe, mas que faz parte do repertório de outros membros da comunidade. A primeira reposta de Edu consiste apenas no provimento da referida tradução, estabelecendo uma estrutura de participação assimétrica cooperativa, o que evidencia a naturalidade desse tipo de intercâmbio.

Já o movimento de controle de Beto estabelece um padrão simétrico competitivo entre ele e Edu, que é mantido por este. Depois, Edu e Clara adotam um padrão simétrico colaborativo. Trata-se de formas distintas de construção da inteligência coletiva, de modo que ambas têm por objetivo chegar à melhor tradução possível, beneficiando toda a comunidade de prática. O comportamento de Edu e Clara parece ainda mais condizente que o de Beto com uma prática de “novo” letramento. Isso se dá porque eles não apenas apresentam seu conhecimento ao grupo, mas também interagem para, manipulando socialmente seus conhecimentos individuais, produzir um terceiro, coletivo. O fato de três usuários (Edu, Beto e Clara) apresentarem características de domínio (movimentos de controle e inibição) mostra que esse está distribuído entre os membros do grupo, o que é compatível com a busca de uma inteligência coletiva.

5.2. Discussão “Novo empresário :)”

A segunda discussão analisada, intitulada “Novo empresário :)”, tem início com duas mensagens consecutivas da usuária Ana Cunha. Na primeira, escreve “Laura deixou no 4u⁶ hoje essa mensagem para apresentar o novo empresário” e copia uma mensagem em italiano



deixada por Laura Pausini em um dos seus canais oficiais de comunicação, na qual a cantora apresenta seu novo empresário, Riccardo Benini; na segunda, reproduz uma fotografia de Benini. Essa iniciação reflete uma característica frequente dos eventos de letramento ocorridos na comunidade: relações intertextuais com textos escritos pela cantora, que são avaliados e comentados.

O excerto da discussão foi segmentado em duas sequências para facilitar a leitura da análise. Reproduzo, a seguir, as primeiras respostas à participação de Ana Cunha.

Sequência 2

[Ana Cunha](#)

Novo empresário :)

Laura deixou no 4u hoje essa mensagem para apresentar o novo empresário

[Mensagem de Laura Pausini, em italiano]

[Ana Cunha](#)

E junto com a mensagem tem a foto da criança 🧒

[Fotografia de Riccardo Benini]

[João](#)

Espero que este novo empresário inicie uma nova etapa na carreira da nossa italiana mais amada do mundo, fazendo com que ela alcance o sucesso que realmente merece!!!!

SORTE!!!!

Ana, saudades!!!!

[João](#)

"...IL MIO DISCO PER ORA È PREVISTO PER IL NATALE 2011..."

DIO SANTO, em 2011 TEMOS LAURA de VOLTA!!!!

M
O
R
R
I
!
[...]

[André Silva](#)

Nossa, que bom saber que pelo menos no Natal de 2011 teremos mais um CD da Laura... muito empolgado! Então, temos 2 lançamentos previstos... esse CD/DVD que



ela vai lançar no final desse ano com o show que fará para o pessoal do Fã Clube oficial dela, e no final do ano que vem Laurinha nos presenteará com mais um novíssimo álbum... e bom, podemos esperar muitas músicas novas, porque como ela disse, ela vai começar o trabalho em setembro deste ano... uhuhu!!! Mal posso esperar!!!

Seja bem-vindo, Riccardo Benini! Espero que faça um bom trabalho!

A primeira resposta vem do usuário João, que mantém o tópico introduzido por Ana Cunha ao expressar sua opinião sobre o conteúdo do intertexto com a mensagem de Laura Pausini. Dessa forma, parece compartilhar o domínio semântico com sua interlocutora: por um lado, mantém certo domínio nas mãos da usuária ao manter o tópico; por outro, exerce algum domínio ao introduzir a perspectiva sobre o tópico que será adotada pelos próximos participantes: opiniões pessoais sobre a notícia. Além disso, João usa o movimento de controle configurado pelo enunciado “Ana, saudades!!!!” para ratificar a contribuição de sua interlocutora.

O interactante André Silva mantém o domínio semântico de Ana Cunha e João ao manter o tópico proposto pela primeira e a perspectiva adotada pelo segundo: ele apenas expressa seu contentamento com o conteúdo do intertexto.

Observa-se nessa sequência uma estrutura de participação simétrica colaborativa, uma vez que todos os interactantes se posicionam no mesmo nível hierárquico com um objetivo comum: compartilhar opiniões sobre a notícia relatada.

Sequência 3

[João](#)

"Então, temos 2 lançamentos previstos... esse CD/DVD que ela vai lançar no final desse ano com o show que fará para o pessoal do Fã Clube oficial dela..."

Q HISTÓRIA É ESSA Q NÃO TÔ SABENDO????
SÉRIO????

[Irmã Augusta](#)

Ana, obrigada pela infomação!!!! Espero que dê tudo certoooooooo!!!!

Ps.: João só fala merda!!!!
[...]

[João](#)



no momento da escrita, não saberia sobre a pergunta do rapaz. De qualquer forma, ela poderia ter escrito uma segunda mensagem com uma resposta, mas não o fez.

Outro aspecto importante da participação de Irmã Augusta é que, ao encerrar sua participação com o enunciado “João só fala merda!!!!”, adquire domínio tanto semântico quanto interacional: semântico porque muda radicalmente o tópico, interacional porque tal enunciado constitui um movimento de controle na medida em que, embora possivelmente de maneira jocosa, desqualifica a contribuição de João.

João, por sua vez, se apropria de tal enunciado para adquirir domínio semântico e interacional ao fazer um movimento de controle que questiona a escolha vocabular de Irmã Augusta. Esse movimento de controle lhe dá, por um lado, domínio interacional ao desqualificar a participação de Irmã Augusta e, por outro, domínio semântico por introduzir um novo tópico (o do linguajar apropriado para uma “freira”⁷).

O domínio exercido por João é mantido nas mensagens seguintes, pois ele, Irmã Augusta e André Silva em sua última mensagem mantêm a discussão de itens lexicais que poderiam ser utilizados em substituição àquele escolhido por Irmã Augusta em sua primeira mensagem.

É importante observar que Irmã Augusta adquiriu domínio semântico para fazer um comentário jocoso, e que este iniciou uma discussão humorística que incluiu um terceiro usuário sem que sua pertinência fosse jamais contestada. Isso mostra que, nessa comunidade, brincadeiras podem ter valor de letramento mesmo que não estejam relacionados a Laura Pausini e constituam um desvio do tópico proposto.

4.3. Discussão “{OFF} Clips de Lady Gaga são plágios de Madonna?”

O último tópico que eu gostaria de analisar é intitulado “Clips de Lady Gaga são plágios de Madonna?” e foi proposto pelo usuário Saulo.

Sequência 4

[Saulo](#)

{OFF}⁸ Clips de Lady Gaga são plágios de Madonna?

[Videoclipe da cantora Lady Gaga hospedado no *site YouTube*]



Ok, comparando pequenos trechos (como quando Lady Gaga "engole" um terço em Alejandro, comparando à Madonna colocando "alguma coisinha" na boca) é como se uma plageasse o trabalho da outra.

Eu concordo, em partes...

E vcs?

[César](#)

e será q vc's ja procuraram saber de onde Madonna copia certas coisas?

[Marcelo](#)

*O que diabos **Laura Pausini** tem a ver com Lady Gaga ou Madona!!*

Poupe - me!

[Saulo](#)

Laura está de férias, não temos novidades sobre ela para poder conversar...

Tópicos gerais são para isso: manter a comunidade "viva"...

E, como são assuntos que vão além da temática central, criamos tópicos com um grande {OFF}, em Caps Lock, para que as pessoas saibam que não se trata de um assunto sobre Laura Pausini, mas de uma forma de trocar novidades alheias.

Poupe-me...

[Carlos](#)

plagioooo puroooo

sem contar que a gaga e a amy branca o melhor loira riiculaaaaa,embora as musica sao boas.prontofaleicari

A primeira resposta obtida pelo criador da discussão vem do usuário César, que toma, pelo menos em parte, o domínio semântico de Saulo ao mudar a perspectiva do tópico: em vez de se discutir o plágio supostamente cometido por Lady Gaga, ele propõe que se discutam supostos plágios cometidos por Madonna. Ele também adquire domínio interacional devido ao fato de sua mensagem se constituir por uma pergunta, o que caracteriza um movimento diretivo. Pode-se considerar também que tal pergunta ainda lhe garante domínio estratégico, uma vez que se trata de uma contribuição muito curta mas que tem o potencial de definir o rumo do resto da discussão.

Em seguida, o interactante Marcelo adquire domínio interacional ao perguntar “o que diabos Laura Pausini tem a ver com Lady Gaga ou Madona”. Trata-se de um claro movimento inibidor, pois, em termos pragmáticos, tal pergunta na verdade é uma afirmação de que tal assunto não é pertinente na comunidade, ou seja, não conta como letramento por não ter relação com a cantora Laura Pausini. No entanto, Saulo refuta essa afirmação em um



movimento de controle na próxima mensagem, explicando a razão pela qual a discussão que propôs é pertinente, ou seja, vale como letramento; esse movimento de controle é reforçado pelo enunciado “poupe-me”, ligado intertextualmente à mensagem de Marcelo. A opinião de Saulo aparentemente é acatada, pois o participante Carlos retoma o tópico por ele proposto e é seguido por uma série de outros interactantes.

O que me parece mais interessante nesta sequência é o poder de autorregulação da comunidade. Embora não usem estes termos, Saulo e Marcelo na verdade têm uma breve discussão sobre o que deve ser aceito nas práticas de letramento da comunidade, e isso foi observado em diversas discussões. Outro exemplo de autorregulação é o uso de índices como “{OFF}” e “{FIXO}” nos títulos de determinadas discussões, o que demonstra um esforço para manter a comunidade funcionando eficientemente a despeito do grande número de membros.

6. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, defendi que os letramentos digitais são plurais e, como todos os letramentos, são práticas sociais. Argumentei que os chamados “novos” letramentos são aqueles que, além de estar apoiados em tecnologias digitais, envolvem um novo *ethos*. Esse *ethos* pressupõe um usuário participativo, comprometido com o relacionamento com os outros para a geração de uma inteligência coletiva, dispersa no interior das comunidades de prática nas quais tais letramentos ocorrem.

Em seguida, analisei discussões representativas dos eventos de letramento de uma comunidade de fãs da cantora Laura Pausini no *site* de relacionamento *Orkut*, que configura uma comunidade de prática nos termos de Wenger (1998). A análise dos dados mostra que tal comunidade é um típico exemplo da chamada Web 2.0, visto que se estrutura apoiando-se em usuários comprometidos com interagir e compartilhar o que sabem para formar um conhecimento coletivo. A criação desse conhecimento, sobretudo no que diz respeito à referida cantora, tem nesse grupo um alto valor em relação ao que conta como letramento. Mas também ficou claro que a discussão de tópicos não relacionados à cantora também pode contar como letramento; um exemplo foram interações paralelas baseadas apenas na relação entre os membros, que interagiam também por diversão e, ao fazê-lo, trabalhavam no estabelecimento de laços us com os outros.



Outro aspecto marcante foi o poder de autorregulação da comunidade. Por vezes, há disputas sobre o que conta como letramento, de modo que se discute se determinado tipo de participação por parte dos membros é aceitável ou deve ser rechaçado. Isso fica patente nas discussões sobre assuntos não relacionados a Laura Pausini, que devem trazer a *tag* “{OFF}” em seu título para que possam ser consideradas parte legítima das práticas de letramento desse grupo. Mesmo nesses casos, há não há consenso entre os participantes, embora a maioria pareça vê-los como parte relevante das práticas de letramento da comunidade.

Uma comunidade virtual com tantos membros e tantas discussões se mostra terreno fértil para a pesquisa no campo dos letramentos. É relevante, então, que outros pesquisadores se proponham a estudar esse tipo de comunidade de prática. Entre os temas que poderiam ser enfatizados estão a construção de identidades, que estudiosos como Thomas (2007) afirmam integrar as práticas de letramento, e a influência desse letramento sobre outros letramentos dos mesmos participantes.

Agradecimento

Sou grato ao Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa que possibilitou a realização deste estudo. Agradeço também ao professor Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ) por ter orientado a pesquisa.

Notas

1. “Leitura” e “escrita” devem ser entendidas em sentido amplo, não se limitando a textos verbais na modalidade escrita.
2. Isso não significa, obviamente, que muitas pessoas não tenham a sensação de que os *mindsets* são fixos. Isso resulta da concretude que eles adquirem a partir da cristalização de significados, que ocorre por meio de contínuas repetições.
3. Para evitar confusão com o conceito de tópico interacional, empregarei a palavra “discussão” para me referir às interações ocorridas nas comunidades do Orkut.
4. Como usuário do Orkut, pude observar que um grande número de usuários é membro de comunidades que não acessa ou que acessa com pouca frequência.
5. A mensagem não estava disponível na época da geração de dados porque Beto desativou sua conta do site Orkut. Atualmente, quando um usuário o faz, todas as mensagens por ele publicadas são automaticamente apagadas. No entanto, pode-se inferir o conteúdo de tal mensagem a partir do discurso do interagente Edu. “[Vi] diferença em duas ou três frases” indica que Beto postara outra tradução da música; já “PS:Na frase CasoMai adesso Invece è distrutto - vc colocou o pior foi destruido, onde tem a palavra pior em italiano?” parece ser uma citação da fala de Beto.



6. *Laura 4U*, fórum online do fã-clube oficial da cantora.
7. A imagem de exibição que identifica Irmã Augusta é a de uma freira.
8. No texto original, os usuários usam colchetes nos marcadores. Substituí-los por chaves para diferenciá-los das minhas alterações, indicadas entre colchetes.

Referências

- ARRIAZU, Rubén et al. ¿Instalados en la cresta de la Web 2.0? Cinco autores en busca de la 'big.two.dot.zero'. In: SÁBADA, Igor; GORDO, Ángel (Orgs.). *Cultura digital y movimientos sociales*. Madri: Catarata, 2008.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. *Local literacies: reading and writing in one community*. Londres: Routledge, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, 2000.
- DAVIES, Julia; MERCHANT, Guy. *Web 2.0 for schools: learning and social participation*. Nova York: Peter Lang, 2009.
- DOBSON, Teresa M.; WILLINSKY, John. Digital literacy. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Orgs.). *The Cambridge handbook of literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 286-312.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, [1979] 2007.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Digital literacy and participation in online social networking spaces. In: LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele (Orgs.). *Digital literacies: concepts policies and practices*. Nova York: Peter Lang, 2008. p. 249-278.
- LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *New literacies: everyday practices and classroom learning*. Berkshire: Open University, 2007.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, [1997] 2000.
- LINELL, Per. The power of dialogue dynamics. In: MARKOVÀ, Ivana; FOPPA, Klaus (Orgs.). *Asymmetries in dialogue*. Hemel Hempstead: Simon & Schuster, 1990. p. 147-177.
- SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 23, n. 81, dez. 2002. p. 143-160.
- THOMAS, Angela. *Youth online: identity and literacy in the digital age*. Nova York: Peter Lang, 2007.
- WENGER, Etienne. *Communities of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- WERTSCH, James V. *Vygotsky and Bakhtin on community*. Mimeo, 1998.